

Ser Igreja em tempos de pandemia e de pós-pandemia: Desafios para a espiritualidade cristã

Being Church in times of pandemic and post-pandemic: Challenges for Christian spirituality

Cesar Kuzma*

Resumo

A pandemia causada pelo coronavírus colocou a nossa sociedade diante de uma crise capaz de questionar todo o nosso modo de viver e nossas estruturas políticas e sociais. O mundo parou por conta da COVID-19 e esta nova realidade demonstrou nossos limites e vulnerabilidade. Esta crise demonstrou também a ineficiência de muitas políticas de Estado e nos obrigou a repensar as nossas relações e espaços, a nossa atenção e cuidado para com a vida, que se percebe cada vez mais sensível e frágil. Diante deste fato, a pandemia nos interpela em nosso modo de ser cristão e de ser Igreja na atualidade. Para responder a estes desafios, este artigo tem como objetivo interrogar a maneira como nós nos colocamos frente a esta realidade e de que modo a nossa espiritualidade pode oferecer um caminho de vida, justiça e esperança, para uma situação que deve se estender até um período pós-pandemia. Deste modo, este artigo será dividido em três partes. Faremos uma contextualização do problema e o modo como esta questão nos afeta eclesialmente. Depois, buscaremos trazer elementos que nos levem a discernir o essencial, em vista de uma proposta eclesiológica. E, por fim, alguns caminhos possíveis para a espiritualidade cristã, em tempo de pandemia e de pós-pandemia.

Palavras-chaves: Igreja, espiritualidade, COVID-19, pandemia, vulnerabilidade social.

* Teólogo leigo, casado e pai de dois filhos. Doutor em Teologia pela PUC-Rio, onde atua como professor e pesquisador. Atual presidente da SOTER (Sociedade de Teologia e Ciências da Religião, no Brasil). Correo electrónico: cesarkuzma@gmail.com.



Being a Church in times of pandemic and post-pandemic: Challenges for Christian spirituality

Summary

The pandemic caused by the coronavirus has placed our society in a crisis capable of questioning our entire way of life and our political and social structures. The world stopped because of COVID-19 and this new reality demonstrated our limits and vulnerability. This crisis has also demonstrated the inefficiency of many state policies and forced us to rethink our relationships and spaces, our attention and care for life, which is increasingly sensitive and fragile. In view of this fact, the pandemic challenges us in our way of being Christian and of being Church today. To respond to these challenges, this article strives to question the way we are facing this reality and how our spirituality might offer a path of life, justice and hope, in a situation that will extend into the post-pandemic period. In this way, this article will be divided into three parts. We will contextualize the problem and how this issue affects us ecclesially. Then, we will try to bring elements that lead us to discern what is essential, in view of an ecclesiological proposal. And finally, some possible paths for Christian spirituality, in times of pandemic and post-pandemic.

Key words: Church, spirituality, COVID-19, pandemic, social vulnerability.



INTRODUÇÃO

O ano de 2020 será lembrado como o ano em que tudo parou por conta da pandemia causada pela COVID-19¹, que fez surgir uma nova condição para o ir e vir das pessoas, com questionamentos para o modo de ser e estar, consequências estas que são acarretadas pelo isolamento e/ou distanciamento social que se fizeram necessários. Esta pandemia se espalhou rapidamente e deixou centenas de milhares de pessoas contaminadas; outras milhares de pessoas perderam as suas vidas, em uma situação extremamente delicada, com sofrimento e distância de entes queridos, permanecendo isoladas, sozinhas, o que impediu o acompanhamento, o luto e uma reflexão mais profunda sobre este momento, que, infelizmente, são marcados pela dor e morte. Além dos males causados pela doença em si, a pandemia da COVID-19 alargou as desigualdades sociais que já estavam latentes, conforme as palavras do Papa Francisco: “A pandemia acentuou a difícil situação dos pobres e o grande desequilíbrio que reina no mundo. E o vírus, sem excluir ninguém, encontrou grandes desigualdades e discriminações no seu caminho devastador. E as aumentou!”². Esta condição que foi apontada pelo Papa é latente e ela nos interpela em nível social, político e, também, teológico. Desta forma, se faz necessária uma reflexão sobre esta situação, de modo profundo, na procura por encontrar a verdade

¹ COVID-19 é o nome pelo qual a Organização Mundial da Saúde chamou a doença respiratória que é provocada pela infecção do Sars-coV-2. Este nome resulta das palavras “corona”, “vírus” e “doença” com indicação do ano em que surgiu (2019): COVID-19.

² FRANCISCO, SS., Audiência geral, de 19/08/2020. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiencias/2020/documents/papa-francesco_20200819_udienza-generale.html>. Acesso em 14/09/2020.



dentro da realidade em que estamos vivenciando e que esta possa nos interpelar para uma nova práxis eclesial, para um novo modo de ser Igreja, na exigência de uma espiritualidade capaz de responder a estes desafios e aos que virão em decorrência destes.

1. UMA REALIDADE QUE NOS INTERPELA

No final de 2019, o mundo se viu às voltas com um novo coronavírus, descoberto na China, chamado de Sars-coV-2 e que provoca a COVID-19. Rapidamente, este novo coronavírus começou a se espalhar e, em poucos meses, atingiu todo o mundo. Esta situação chamou a atenção para o elevado nível de contágio, que afetou estruturas e sistemas de saúde que não estavam preparados para esta demanda, levando, infelizmente, a milhares de mortes. Atenta a esta situação, a Organização Mundial da Saúde (OMS), declarou em março de 2020 que estávamos diante de uma pandemia e que a superação deste episódio iria exigir um esforço em conjunto de toda a humanidade, desde pessoas comuns até líderes políticos, desde estudiosos e cientistas até líderes religiosos. Trata-se de uma doença que pode atingir a todos e que não escolhe as suas vítimas. De certa forma, todos nós nos percebemos vulneráveis a esta realidade, ficando praticamente sem reação diante do desconhecido que avança e que vai enumerando as suas vítimas.

Quase que num piscar de olhos o mundo se viu refém de um inimigo invisível, poderoso e para o qual não teríamos tratamento ou vacina. O mundo simplesmente parou, o que gerou incertezas, medos, discussões políticas, ao mesmo tempo em que trouxe negacionismos, protecionismos, discursos apocalípticos e atitudes de desrespeito à vida que faziam questionar a nossa condição como humanos e enquanto sociedade. Por outro lado, os efeitos da pandemia nos obrigaram a repensar nossos atos e nossa responsabilidade para com a nossa casa comum, pois esta nova condição deixou evidente que tudo o que fazemos atinge a todos e que nossa atitude deve ser repensada (LS 16). “É preciso revigorar a consciência de que somos uma única família humana. Não há fronteiras nem barreiras políticas ou sociais que permitam isolar-nos e, por isso mesmo, também não há espaço para a globalização da indiferença”

(LS 52); uma chamada que Francisco faz desde sempre, em vários discursos, convidando-nos a uma cultura do encontro, pois tudo está interligado. Entra aí a nossa responsabilidade enquanto humanidade, uma responsabilidade que se faz coletiva, o que exige uma nova relação capaz de gerar um ser humano novo (LS 118).

Uma postura de responsabilidade e de sentimento para com o próximo que se fez perceber durante esta pandemia, pois em várias partes, foi possível observar exemplos de solidariedade, de hospitalidade, de atenção e cuidado, num profundo entendimento de que a vida que temos é frágil e que ela deve ser preservada, alimentada, num autêntico movimento de esperança que também se espalhou. Por um momento, o mundo sentiu que estava sendo chamado a um espaço novo e que esta condição, ainda que na incerteza e na dor, poderia ser um sinal de alerta para a nossa mudança, para um viver diferente. Pensadores como Yuval Noah Harari, chamaram a atenção para uma solidariedade global, uma postura que poderia ensinar a humanidade a viver de forma diferente e ter uma nova postura (mais solidária) para todas as demais crises e pandemias que podemos vir a ter no século XXI³.

O passar dos meses fez surgir outros eventos, pois a pandemia e as consequências que ela vai deixando parecem não ter fim. Não demorou muito para que o poder econômico e a agressividade de alguns discursos políticos voltassem a aparecer, colocando toda esta estrutura e interesses específicos acima da vida e da saúde das pessoas⁴. Erroneamente, se objetivou por salvar a economia em detrimento de vidas humanas e isso demonstrou que, em parte, não aprendemos muito com esta crise. Em alguns casos, a agressividade e a falta de sensibilidade nos deixaram piores. Este comportamento hostil fez surgir com mais evidência uma desigualdade social que se faz presente em nossas cidades, sobretudo nas periferias, e que, de

³ HARARI, Y. N., *O mundo depois do coronavírus*, de 26/03/2020. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/597469-o-mundo-depois-do-coronavirus-artigo-de-yuval-noah-harari>>. Acesso em 14/09/2020.

⁴ KUZMA, C., *O COVID-19 e a vulnerabilidade social*, de 20/03/2020. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/597260-o-covid-19-e-a-vulnerabilidade-social>>. Acesso em 14/09/2020.



modo prematuro e agora com mais força por conta da COVID-19, vai ceifando vidas e deixando a nossa realidade indefesa, sem presente e sem futuro⁵. Se no início a pandemia demonstrou que todos somos vulneráveis e que este novo coronavírus não escolhe suas vítimas, a desigualdade social, gritante em nossa sociedade e em nosso tempo, demonstrou que alguns vivem em uma situação ainda mais vulnerável que outros e que a grande diferença entre nós, decorrente de injustiças históricas, faz com que a COVID-19 se torne ainda mais perigosa, pois a maioria das vítimas se mostra amplamente dependente de políticas públicas e de infraestruturas do Estado que, por vezes, se demonstraram ausentes e/ou insuficientes.

Esta nova realidade passou também a nos interrogar como Igreja, em nosso modo de ser cristão diante de um mundo que clama a espera de vida e de justiça, em busca de um sinal de esperança. Duas grandes questões podem ser colocadas: primeiramente, de que maneira nós como cristãos respondemos a esta situação? E, diante desta, o que é que podemos fazer a partir de nossa espiritualidade? Duas perguntas diretas e bem objetivas, mas que para serem respondidas nos obrigam a discernir em pontos essenciais da nossa fé, como disse o Cardeal Michael Czerny⁶, e que nos convidam a uma atitude de amor, de encontro com a realidade do outro, na busca por justiça e na construção de uma sociedade solidária e fraterna, pois estes são valores fundamentais do Reino de Deus; valores que devem ser buscados e que nos convidam a um agir como Igreja, a um ser Igreja de modo diferente, para se colocar de forma atenta e sensível a esta realidade; disposta a um momento novo, no amor.

2. A IGREJA NA PANDEMIA E NA PÓS-PANDEMIA: CHAMADA A UM NOVO TEMPO E A UMA NOVA PRÁXIS

Diante deste contexto causado pela pandemia da COVID-19, em muitas das vezes, o que vemos na sociedade é a busca por res-

⁵ FRANCISCO, SS, Audiência geral, de 12/08/2020. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2020/documents/papa-francesco_20200812_udienza-generale.html>. Acesso em 14/09/2020.

⁶ CZERNY, M., *A Igreja diante da pandemia e suas consequências*, de 22/04/2020. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/598294-a-igreja-diante-da-pandemia-e-suas-consequencias-artigo-do-cardeal-michael-czerny>>. Acesso em 14/09/2020.

postas rápidas e prontas, na ânsia de que todos estes problemas sejam resolvidos e que se volte à “normalidade”, sem que para isso se possa entender as perguntas que nos estão sendo feitas por esta crise, e que deveríamos, de modo reflexivo, fazer a nós mesmos, internamente, para entender ou tentar discernir todo este evento que nos envolve. Este é o tempo das perguntas, disse o Cardeal Tolentino em uma *live* para a Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, do Brasil, a FAJE⁷, e estas perguntas questionam a nossa humanidade, sociedade e, conseqüentemente, a nossa fé. Elas se fazem necessárias, porque sem elas nós não teremos como entender a razão que nos trouxe até aqui, as muitas causas deste processo, muito menos o encontro com a esperança que pode ser despertada e que venha a nos oferecer uma saída e um espaço novo, para o qual devemos caminhar e, muito provavelmente, construir. Nada virá fácil, já que como vimos na citação da *Laudato Si'*, que utilizamos acima, tudo isso exige uma nova compreensão de nossa humanidade, de onde se constroem novas relações (LS 118).

Esta nova realidade que se impôs —em todo o mundo— trouxe medo e insegurança para o tempo presente, que se demonstrou e ainda se demonstra instável, mas também para o tempo futuro, que parece se apresentar totalmente indefinido para o que pode acontecer. Em qualquer das perspectivas, só nos é possível especular, na esperança de que possamos aprender e, com isso, sair melhores desta crise, de um modo mais fortalecidos. De acordo com o Papa Francisco, isso só irá ocorrer se a saída que buscamos for construída no amor; no amor de Deus que nos precede e que abre caminho⁸. Só assim poderemos “curar o mundo”⁹.

O avanço da pandemia deixou ainda mais evidente uma série de problemas que nos acompanham há tempos, desde problemas

⁷ *Live* apresentada no dia 22/06/2020, na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), com o tema: “Espiritualidade em tempos de Pandemia”, com o Cardeal José Tolentino de Mendonça. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8oQYr43YNlg&feature=youtu.be>>. Acesso em: 14/09/2020.

⁸ FRANCISCO, SS., Audiência geral, de 09/09/2020. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiencias/2020/documents/papa-francesco_20200909_udienza-generale.html>. Acesso em 14/09/2020.

⁹ *Ibid.*



estruturais em nossas cidades, como o modo de organização social e de relações interpessoais que temos atualmente, também às questões políticas e o poder econômico, gerido por um sistema voraz que em nenhum momento se mostra ou se faz parecer sensível com a dor de muitas pessoas. Ao capital interessa o capital, já que para o sistema pessoas são descartáveis, como já acusava o Papa Francisco na *Evangelii Gaudium*, ao dizer que, para o sistema, os excluídos não são apenas explorados, mas resíduos, sobras (EG 53). O que produz a ditadura “de uma economia sem rosto e sem um objetivo verdadeiramente humano” (EG 55); e a esta economia se deve dizer não, pois ela gera desigualdade social, morte e violência. Ao mesmo tempo em que o capital vai se diversificando e aumentando os seus lucros, a pandemia vai enumerando as suas vítimas, causadas pela doença e pela crise de trabalho que dela se fez decorrente. Com o avanço da COVID-19 também se avançou a desigualdade, o desemprego, o aumento da pobreza, o egoísmo, a indiferença, os abusos de poder e a insensibilidade para os que mais sofrem. Se para conter a pandemia a recomendação era permanecer em casa, em isolamento/distanciamento, pois não se tem tratamento específico, estrutura de saúde e/ou vacina, é importante frisar que ficar em casa e se manter isolado não tem o mesmo significado para todas as pessoas, de modo especial para os mais pobres, que moram em condições vulneráveis, carentes de infraestrutura e sem possibilidade formal de se manter economicamente, sendo obrigados a romper com o isolamento para se arriscar em trabalhar, na tentativa de trazer algum dinheiro e sustento para a família. A ausência de políticas públicas em muitos de nossos países, sobretudo na América Latina, que passa hoje por uma grave crise social e política, fez com que uma parcela mais empobrecida se tornasse uma vítima mais regular e constante da COVID-19, sofrendo a gravidade desta doença e se vendo incapaz de uma alternativa.

Se esta doença se espalhou inicialmente pelos mais ricos, por conta dos traslados internacionais, foi entre os mais pobres que ela encontrou um terreno mais favorável para se solidificar. Isso só reforça a tese de Gustavo Gutiérrez que, desde há muito tempo tem acusado as diversas estruturas de pecado existentes em nossa sociedade. Ele diz: “A experiência latino-americana fez-nos com-

preender há algum tempo que, em última análise, pobreza significa morte. Morte precoce e injusta”¹⁰.

A denúncia de Gutiérrez se torna ainda mais atual, principalmente por estar presente num livro que traz no título uma instigante e incômoda pergunta: “onde dormirão os pobres?”. Eis uma pergunta que deve nos interpelar enquanto humanidade, sociedade e Igreja(s), caso se queira ter uma resposta humana, social e cristã, caso contrário estamos semeando a morte e a injustiça, ao contrário da vida e da esperança. É necessário se abrir à realidade e se pôr de modo solidário aos que mais precisam. Os pobres são aqueles que não tem onde morar, que não tem onde repousar, que não tem onde ganhar o seu sustento, pois todas as portas se fecham para eles. Assim, tornam-se os mais vulneráveis para a violência e para o descaso, vítimas para a exclusão e para a morte, e agora para esta doença que avança e que os coloca numa vulnerabilidade ainda maior. Os pobres são aqueles que aparecem sem rosto, sem nome e sepultados em valas comuns, agrupados a outros e distante dos seus. No mesmo livro, Gutiérrez ainda diz que “os pobres são anônimos e parecem destinados a um anonimato ainda maior; nascem e morrem sem se fazer notar. Peças descartáveis numa história que escapa as suas mãos e os exclui dela”¹¹. Com certeza, esta é uma realidade que nos interpela, pelo menos deveria nos interpelar, pois uma vez que a nossa sociedade invisibiliza estes muitos pobres, ignorando-lhes o nome e a história, a nossa tradição de fé se constrói numa Palavra que dá nome aos pobres (*Lc 16,19-20*), despedindo os ricos de mãos vazias (*Lc 1,53*), acusando a sua soberba e falta de amor (*Lc 6,24*). O próprio magistério latino-americano avança e nos convida a uma opção preferencial pelos pobres (Puebla), que em Aparecida passam a ter novos rostos (*DAP 402*), rostos que doem em nós (*DAP 407-430*). Na *Evangelii Gaudium* Francisco reforça o aspecto teológico desta opção (*EG 198*), com consequências para a vida dos cristãos, chamados a ter o mesmo sentimento de Cristo Jesus (*Fl 2,5*); o que nos convida a uma kénosis para esta realidade desafiadora, que nos interpela na fé, nos obrigando a uma nova práxis eclesial e de vivência da espiritualidade.

¹⁰ GUTIÉRREZ, G., *Onde dormirão os pobres?*, 3. ed., Paulus, São Paulo 2003, p. 31.

¹¹ *Ibíd.*, p. 28.



De repente, o quadro que nos é apresentado pela pandemia nos faz questionar a nossa humanidade e a nossa sociedade, o modo como as estamos concebendo, a forma como estamos compreendendo este presente e de que forma estamos visualizando um futuro. O questionamento é, se há futuro, a partir de onde e de qual perspectiva? Se há alternativa para o presente, a partir de qual ação e em qual horizonte ele deve ser trabalhado? Frente a esta realidade, nossa posição de fé e o modo como respondemos a isso como cristãos também passam a ser interpelados, já que não estamos isolados deste contexto, mas interagimos a ele, estamos nele e fazemos parte. Da mesma maneira a Igreja e a sua concepção histórica. Não a Igreja como estrutura física, mas a Igreja como povo, como comunidade que crê e se reúne, e que no partir e repartir do pão, no ouvir da Palavra aprende a compartilhar suas vidas, tristezas, angústias e esperanças, permitindo que tudo o que ocorre a nossa volta venha a tocar o coração de quem crê (*GS 1*). É o que nos leva a novas interrogações, pois, que respostas podemos oferecer frente a esta realidade, a este momento desafiador que nos coloca diante de uma mudança total? Perguntamos ainda: como mostrar a fé e a espiritualidade cristãs num momento de incertezas, de dúvidas e negações e, onde, em muitos lugares, vemos uma ausência de esperança? Como ser Igreja num momento em que, por questões de segurança e saúde, muitas delas permanecem fechadas, como que sua estrutura fosse apenas um espaço privado de culto e nada mais? Será que esta não seria uma hora em que a urgência do tempo e a gravidade da situação nos convida a um posicionamento diferente, a novas práticas e atitudes, na saída de uma Igreja centralizada no templo para a abertura a um novo modo de ser Igreja, baseada em uma nova práxis, em nosso estar em casa, no fortalecer de uma igreja doméstica, e de modo diferente na sociedade, buscando um ressignificar de conteúdos fundamentais? Não seria este um momento [de crise] em que o Espírito nos suscita algo novo? Como sentir a comunidade num momento em que ela não se faz mais presente, ao menos fisicamente, onde tudo parece confuso e o encontro que somos levados a ter com o outro nos obriga antes a um encontro conosco mesmos? Como repartir o que temos com aqueles que tudo perderam e, desta maneira, dar um novo sentido à Eucaristia que celebramos? Como ser solidário/a e colocar-se ao

lado de quem está sofrendo, no ouvir a sua dor, no enxugar as suas lágrimas, no carregar das suas angústias e no germinar da esperança, que parece distante ou machucada?

Estas simples perguntas, quando deixadas em um discernimento interior nos fazem pensar em novas possibilidades, num tempo que, como falamos acima, deve estar pautado por novas e profundas perguntas.

Este período de pandemia também pode ser um tempo de aprendizado, para aprendermos a viver nossa humanidade de modo novo, fortalecendo o encontro com Cristo vivo e abraçando a lógica salvífica do Evangelho, quando diante da incerteza adotamos uma prática de missão renovada, num rosto de Igreja fraterna e que se faz solidária e aberta às necessidades de todos. Isso convida a Igreja a ter uma nova consciência de que é Povo de Deus e que esta condição a coloca como sinal e sacramento no mundo, fortalecendo a esperança em Cristo, agora e no futuro¹².

No meio de crises e tempestades, o Senhor interpela-nos e convida-nos a despertar e a ativar esta solidariedade capaz de conferir solidez, apoio e um sentido a estas horas em que tudo parece naufragar. A criatividade do Espírito Santo nos encoraje a gerar novas formas de hospitalidade familiar, fraternidade fecunda e solidariedade universal¹³.

3. CAMINHOS DE ESPIRITUALIDADE PARA A PANDEMIA E PARA A PÓS-PANDEMIA

Nesta última parte de nosso artigo, pretendemos chamar a atenção para alguns caminhos que podem nos ajudar neste momento, para o fortalecimento de nossa espiritualidade e para o

¹² CZERNY, M., *A Igreja diante da pandemia e suas consequências*, de 22/04/2020. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/598294-a-igreja-diante-da-pandemia-e-suas-consequencias-artigo-do-cardeal-michael-czerny>>. Acesso em 14/09/2020.

¹³ FRANCISCO, SS., Audiência geral, de 02/09/2020. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiencias/2020/documents/papa-francesco_20200902_udienza-generale.html>. Acesso em 14/09/2020.



engajamento de nossa atitude fraterna e solidária para com todos aqueles que sofrem e que, de alguma forma, se achegam a nós e nós a eles. Não queremos tratar como pontos fechados, mas como pistas, que podem ajudar e favorecer um discernimento e uma prática, em vista do próximo, da solidariedade, da responsabilidade, do cuidado e do amor. Só assim podemos superar este tempo de incertezas e voltar ao encontro da nossa esperança.

Faremos a exposição de três práticas, bem sensíveis à realidade atual e que tocam nosso comportamento humano, mas que para nós, em vista de uma práxis eclesial, de um modo de ser Igreja e de viver a espiritualidade, têm como base a prática de Jesus, que em seu ministério soube cuidar, se fez solidário e alimentou a esperança.

1. *A prática do cuidado:* o tempo vivido nesta pandemia nos deixou vulneráveis e por muitas vezes nós nos encontramos sozinhos, isolados, sem ninguém para conversar e para partilhar nossos sentimentos, dores e angústias. Muitos sofreram e ainda sofrem este momento, muitos padeceram e outros ainda estão padecendo nos leitos de hospitais e na espera de um tratamento e de um socorro, que muitas vezes não chega. Muitos estão sendo obrigados a deixar suas casas, famílias para ir a um hospital ou centro de acompanhamento e ali cuidar de outras pessoas, de outras famílias, sendo para estes uma casa e um rosto de solidariedade, de afeto e de atenção. O tempo de hoje se faz exigente e nos convida à compaixão, ao cuidado, ao amor para aquele que sofre e à garantia de que ninguém ficará para trás e que todos seguiremos juntos. Somos responsáveis uns pelos outros e este é um ponto que deve nutrir nossa práxis eclesial e nosso caminho de espiritualidade, nesta pandemia e para além dela, pois as consequências seguirão, por um longo tempo.
2. *A prática da solidariedade:* A pandemia da COVID-19 demonstrou o quanto somos vulneráveis e o quanto somos dependentes do outro que está ao nosso lado. Não podemos fazer sozinhos, precisamos da mão amiga e de quem decide esperar

conosco, sendo firme em cada passo e em cada ação. Muitos são aqueles que necessitam de nosso auxílio e a exigência de uma prática samaritana, que se faça solidária, que se arrisque para se colocar ao lado do outro, na compaixão e no cuidado, é algo que nos humaniza e que nos liberta para a prática do amor, pois passamos a nos importar com o outro, de quem nos fazemos próximos; passamos a cuidar do outro, de quem sabemos pouco ou quase nada; passamos a viver com o outro, e isso inunda uma relação que se faz recíproca e portadora de vida e de liberdade, numa doação e entrega que nos acomoda e ainda assim inquietam, pois estamos diante da dor e do limite da vida. A prática da solidariedade reside numa experiência profunda de amor que nos diz, de fato, o que somos e o que podemos ser para o outro, na compaixão, no cuidado e no amor.

3. *Na prática da esperança*: a esperança é o que nos faz viver e devemos ir ao seu encontro, sempre. Uma esperança que se faz encarnada e sensível ao que acontece na história e que desafia o existir e o sentir humanos. A esperança não se sobrepõe a nossa condição, mas se faz verdadeira diante de nossa vulnerabilidade, para a qual respondemos com o nosso ser e com aquilo que podemos oferecer aos outros. A esperança, sobretudo a esperança que se faz cristã, nunca será isolada ou individual, mas sempre se fará perceber de modo coletivo, pois o que se espera se espera com o outro, no outro e pelo outro, no esperar em Deus, por Deus e com Deus. Nada há de ilusório, mas tudo é percebido no encarnar da história, nas lutas do dia a dia, nas dores e resistências, naquilo que se exige e que desafia todo ato de esperar. Somos frágeis, somos limitados, somos vulneráveis e por isso temos a esperança. Ela nos consola e nos anima a protestar, ela nos faz cuidar e nos coloca de modo solidário, nos fazendo responsáveis pelo outro, de quem nos tornamos próximos. A prática da esperança nos convida à prática do cuidado e da solidariedade, num chamado que nos renova e que nos abre sempre um momento novo. A esperança nos leva a viver, e viver para, para alguém e para Deus.



Estas são algumas pistas somente, que atentas à realidade do contexto em que estamos vivendo, ajudam-nos a enfrentar este momento que se faz exigente e desafiador, para todos. Tendo por base a oração do Papa Francisco no dia 27 de março de 2020¹⁴, diante de uma Praça de São Pedro vazia, que possamos superar o medo e garantir a fé, e que a esperança a alimente e a conduza ao encontro do amor, que tudo pode e que nos consola, que nos anima, nos encoraja e nos liberta.

CONCLUSÃO

Pretendemos encerrar este momento, ao modo de conclusão, dentro do mesmo espírito que nos colocou Francisco, em seu momento de oração diante da dor e do sofrimento causados pela pandemia.

Em meio a dor, em meio a tudo que nos aflige, Francisco consegue ser um ponto seguro de esperança. Ele nos ajuda a crer e a ver além da tempestade. Sua homilia, pronunciada diante de uma praça vazia foi emocionante. Impactante, melhor dizendo. Um momento que falou à intimidade do ser, tentando consolar e abraçar cada pessoa que agoniza em um leito de hospital ou que morre sozinha em um espaço isolado, sem um abraço, sem o contato, vendo a vida perder a sua força e mostrar a sua impotência diante do desconhecido. Francisco sozinho em uma praça imensa, aparentemente vazia de pessoas, mas cheia de sentimentos que tocaram a todos e que naquele momento (e depois) rezaram com ele e se fizeram presentes. Ali, diante do mundo, Francisco admitiu a nossa pequenez e mostrou o nosso medo diante da tempestade, onde parece que estamos sozinhos e que Deus não está conosco. Neste momento, ele falou de esperança, disse que estamos no mesmo barco e que todos somos responsáveis por cada vida; disse que não estamos sozinhos, que precisamos uns dos outros e que ninguém se salva sozinho.

¹⁴ FRANCISCO, SS., *Momento extraordinário de oração em tempo de pandemia*, em 27/03/2020. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2020/documents/papa-francesco_20200327_omelia-epidemia.html>. Acesso em 14/09/2020.

Somos responsáveis pelo outro, que se faz nosso irmão. Francisco disse também que em Deus a vida nunca morre, a vida é sempre vida, a cruz traz a ressurreição. Uma oração, um momento que nos fez parar e rezar, para percebermos que mesmo na solidão nós não estamos sozinhos. Deus está conosco, ele partilha nossas dores, ele partilha nosso sofrimento e ele se faz solidário com a nossa vida. Somente este gesto de solidariedade é que pode nos salvar.

Que esta esperança possa nos fazer ser Igreja, animados por uma práxis responsável e solidária, e que nossa espiritualidade se fortaleça neste encontro íntimo e consolador, de um Deus que nunca nos abandona e que segue conosco, sempre.

BIBLIOGRAFIA

CELAM, *Documento de Aparecida*, Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, Paulus, Paulinas, São Paulo 2007.

CZERNY, M., *A Igreja diante da pandemia e suas consequências*, de 22/04/2020. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/598294-a-igreja-diante-da-pandemia-e-suas-consequencias-artigo-do-cardeal-michael-czerny>>. Acesso em 14/09/2020.

_____, *Evangelii Gaudium*, Loyola, São Paulo 2013.

_____, *Laudato Si'*, Loyola, São Paulo 2015.

_____, Audiência geral, de 19/08/2020. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2020/documents/papa-francesco_20200819_udienza-generale.html>. Acesso em 14/09/2020.

_____, Audiência geral, de 12/08/2020. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2020/documents/papa-francesco_20200812_udienza-generale.html>. Acesso em 14/09/2020.



_____, Audiência geral, de 09/09/2020. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiencias/2020/documents/papa-francesco_20200909_udienza-generale.html>. Acesso em 14/09/2020.

_____, Audiência geral, de 02/09/2020. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiencias/2020/documents/papa-francesco_20200902_udienza-generale.html>. Acesso em 14/09/2020.

_____, *Momento extraordinário de oração em tempo de pandemia*, em 27/03/2020. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2020/documents/papa-francesco_20200327_omelia-epidemia.html>. Acesso em 14/09/2020.

GUTIÉRREZ, G., *Onde dormirão os pobres?*, 3. ed., Paulus, São Paulo 2003.

HARARI, Y. N., *O mundo depois do coronavírus*, de 26/03/2020. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/597469-o-mundo-depois-do-coronavirus-artigo-de-yuval-noah-harari>>. Acesso em 14/09/2020.

KUZMA, C., *O COVID-19 e a vulnerabilidade social*, de 20/03/2020. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/597260-o-covid-19-e-a-vulnerabilidade-social>>. Acesso em 14/09/2020.